

Sete faces de um albatroz

“Mundo mundo vasto mundo”, seriam as asas de gigante de um albatroz maiores do que meu coração? Pergunta que parece, em um primeiro momento, deslocada, desconexa, estranha: *gauche*. Para tentar respondê-la, é preciso se apropriar de dois poemas exilados no chão, dois poemas desconsertados: *O albatroz*, de Charles Baudelaire, e *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade. Ambos trabalham com a posição do poeta no mundo, ou seja, pensam de que forma o poeta existe enquanto sujeito que interage, deliberadamente ou não, com a sociedade. O primeiro presencia e inaugura uma mudança, física e mental, do eu lírico. Este, durante o século XIX, migra do campo para a cidade: a matéria poética a qual os sujeitos líricos estão envoltos (os de Baudelaire principalmente) não é mais as plácidas paisagens que se confundem com seus sentimentos universais. A partir desse século, nos grandes centros culturais europeus, com a França como mais ou menos protagonista desse título, o eu-lírico tem como problemática a sua relação com a cidade, com um lugar sujo, movimentado, soturno, melancólico. Agora, sem a beleza plástica de um Bocage, o poeta se vê imerso em uma tarde sombria que desemboca em uma noite fechada com horas mortas. Além dessa mudança espacial, há também a mudança ideológica: o poeta é inútil. Sua capacidade de retratação do real é retirada por um retrato fotográfico. E agora, poeta? O que fazer com sua perda da capacidade de pintar com palavras o realidade? O real que não é mais composto pela noite afável. Parece essa uma questão fundamental para Baudelaire vivendo na França em meados do século XIX bem como também o é para um Drummond da década de 30. No Brasil do início do século XX, a mudança do eu-lírico para cidade também é perceptível e, com ela, a mudança de sensibilidade poética. Em *Pau-Brasil*, Oswald de Andrade já começa a formular um sujeito poemático urbano entre postes da *Light* e, com *Alguma poesia*, Drummond problematiza esse sujeito e o insere dentro da questão metalinguística apontada. Nesse sentido, o poeta parisiense e o itabirano, em tempos próximos e distantes, se veem em um empasse poético: como poderão os sujeitos líricos lidarem com a inconsistência dos sujeitos líricos se ela não é unicamente lírica, mas, também, social?

Drummond busca responder essa questão dando aos seus eu-líricos a possibilidade da busca pelo essencial, conferindo a eles a obsessão pelo absolutos. Dessa forma, tendo em vista que o poeta não mais consegue captar a realidade plástica dos seres e das coisas, o eu-lírico drummondiano busca ressignificar o contato com esse cotidiano tão cheio de

desejos, tão cheio de pernas. Na tentativa de ressignificá-lo por meio da busca de sua essência, o eu-lírico poeta se vê ora fraco ora torto ora cômico ora forte. Todas essas facetas aparecem no *Poema de sete faces* e refletem a relação do sujeito lírico com o fazer poético. Quando fraco:

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

O eu-lírico o é porque não é Deus, ou seja, porque não lhe é concedido a possibilidade de criar. A ele, humano e mortal, lhe cabe apenas criar. Criar, em uma concepção teológica, seria a manifestação da Essência na existência, enquanto criar seria apenas a transição de uma existência para outra existência. Nesse espectro, se cabe ao sujeito lírico drummondiano, como resposta à sua perda de sentido na transição para a modernidade, buscar “o amor essencial, o conhecimento essencial, a verdade essencial das experiências”¹, ele é falho: novamente inútil, pois não é Deus. Portanto, na convivência com um “Mundo mundo vasto mundo”, se ele se chamasse Raimundo, seria apenas uma criação, uma criação poética, “seria uma rima, não uma solução”.

Quando torto:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

O sujeito poemático se encontra em um entre-lugar. Ele assume sua incapacidade de descoberta das essências, mas não deixa de buscá-las incessantemente. Se o seu coração pergunta, seus olhos não perguntam nada. Esse eu-lírico é um estranho entre o sagrado (“um anjo torto”) e um estranho entre o mundano (“*gauche* na vida”). A ele cabe apenas lidar com a pedra no meio do caminho, pedra da incerteza, pedra do indecifrável enigma: o absoluto dos seres e das coisas.

Quando cômico:

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.

¹ Definição retirada do texto “Poesia de Drummond: Na trilha dos enigmas”, de Alcides Villaça.

Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

O poeta eu-lírico veste-se da máscara do humor, do ridículo, para lidar com sua eterna incapacidade. Dessa forma, a máscara com óculos e bigode “reduz a menos o homem, [...] que, a um só tempo patética e risível, empresta-lhe, artificialmente, um ar ‘sério, simples forte’”². Assim, o disfarce faz com que o eu-poemático se misture com esse vasto mundo e lhe dê, já embriagado de luar e de álcool, a certeza de que seu coração, o qual, antes, apenas perguntava, é maior do que o mundo, a certeza de que sua linguagem poética é uma tentativa de superação da automatização do cotidiano e, na desautomatização, o encontro com o ideal, com a resposta para o enigma essencial, seria inevitável. Fosse outra época, essa resposta viria facilmente; agora, essa lua e esse conhaque, coloca-o apenas emocionado, agitado, deslocado: “comovido como o diabo”.

Todas essas facetas (a forte, a cômica, a torta e a fraca) aparecem também nos eu-líricos de Baudelaire como resposta à inquietação inicial. Entretanto, no poema *O albatroz*, o percurso é inversamente proporcional ao traçado aqui para o do *Poema de sete faces*. Conjuntamente com o sujeito lírico itabirano, o do poema *O albatroz* também dá ao poeta a possibilidade de se distinguir dos demais humanos que não de virar carniça, pois ele, uma enorme ave marinha, vive em um plano sacro, um plano da Essência, aquele o qual o homem de óculos e bigode não conseguiu alcançar ou conhecer. É possível pensar que essa Essência, esse ambiente em que o poeta é príncipe da altura, tem uma implícita ligação com aquele tempo em que sua posição na sociedade era estável, reconhecida e venerada. Nesse sentido, o sujeito poemático, já na instável modernidade, explicita um movimento, feito pelo poeta, do céu sacro para a terra impura e, nela, a perda de seu nimbo, de sua capacidade inabalável de retratação do real. Nesse movimento, a imagem majestosa do poeta transforma-se em cômica e feia. Cômica porque, ao contato com o comum, com aquele conjunto de criados que garantem o funcionamento do navio, ele é sem jeito e envergonhado, ou seja, perde sua Essência e, agora que precisa lidar com a realidade, lhe resta apenas o ridículo e o desconcerto. Feia porque, nesse mesmo contato, seu já estabelecido padrão do belo transforma-se em algo inútil e estranha ao funcionamento do navio, da sociedade moderna:

Mal o põem no convés por sobre as pranchas rasas,

² Frase retirada do texto “Alguma cambalhota”, de Eucanaã Ferraz.

Esse senhor do azul, sem jeito e envergonhado,
Deixa doridamente as grandes e alvas asas
Como remos cair e arrastar-se a seu lado.

Dessa forma, gradualmente, o poeta, ou melhor, a imagem do poeta fica impotente e fraca. Quanto mais a corja impura aproxima-se do poeta: “Um o irrita chegando ao seu bico um cachimbo,/ Outro põe-se a imitar o enfermo que coxeia!” mais ele se enfraquece. Nesses versos, duas situações são importantes para esse movimento decrescente: a aproximação do cachimbo e a imitação do enfermo. O cachimbo, instrumento estritamente humano, irrita o albatroz poeta tendo em vista que forçosamente o aproxima ao que é criação humana. A imitação, de maneira ainda mais explícita, o faz imagem e semelhança do homem, assim, adoecendo-o ou colocando-o em uma posição de imperfeição e anomalia. Com isso, o eu-lírico de *O albatroz* encontra, como resposta à inconsistência do sujeito lírico, sua satirização. Cabe ao poeta, nesse sentido, apenas a complacência com sua posição, com sua imobilização frente à busca da essência perdida:

O poeta é semelhante ao príncipe da altura
Que busca a tempestade e ri da flecha no ar;
Exilado no chão, em meio à corja impura,
As asas de gigante impedem-no de andar.

Portanto, sim. As asas de gigante são, sim, maiores que o coração do eu-lírico drummondiano. Entretanto, enquanto este busca, incessantemente, por meio da linguagem poética, a descoberta ontológica do seres e das coisas para responder e reagir a uma perda de sentido do poeta na modernidade; aquele aceita sua derrocada, que, um dia, já esteve no plano da Essência e creava, mas, agora, no convés por sobre pranchas rasas, apenas cria e perece sob a realidade mundana.